



Encontro Internacional sobre Gestão
Empresarial e Meio Ambiente

ECONOMIA CRIATIVA: UMA ESTRATÉGIA VIÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

ALEXANDRE SETTE ABRANTES FIORAVANTE

Universidade Estadual de Campinas
alexandresettefioravante@gmail.com

ADEMAR RIBEIRO ROMEIRO

Universidade Estadual de Campinas
ademar@eco.unicamp.br

MAGNUS LUIZ EMMENDOERFER

Universidade Federal de Viçosa
magnus@ufv.br

ECONOMIA CRIATIVA: UMA ESTRATÉGIA VIÁVEL PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL?

Resumo

A economia criativa pode ser vista como um novo paradigma, que traz traços característicos de um modelo que apresenta como pressuposto de sustentabilidade a melhoria do bem-estar e a inclusão socioeconômica. Diante disto, o objetivo central deste artigo é identificar a existência de relação entre economia criativa e o desenvolvimento de países. A ideia central é que: se de fato a economia criativa pode ser vista como uma estratégia de desenvolvimento, países com melhor desempenho criativo tendem a apresentar melhores resultados nos indicadores de desenvolvimento, tanto econômicos quanto na esfera social e ambiental. Para tanto, realizou-se neste estudo uma análise de cluster, no intuito de descobrir as relações entre as observações, agrupando os países por características homogêneas para as variáveis GCI (Índice Global de Criatividade, neste trabalho tratado como score criativo), IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), PIB per capita (Produto interno bruto por indivíduo) e HPI (Happy Planet Index). Este estudo permite concluir entre outras observações, que embora na teoria a relação entre economia criativa e desenvolvimento sustentável possa parecer tão direta, e de certa forma um tanto óbvia, a análise de cluster revelou que sozinha a economia criativa não consegue promover o desenvolvimento que seja sustentado ao longo do tempo.

Palavras-chave: Economia criativa; desenvolvimento sustentável; desenvolvimento multidimensional; indicadores.

CREATIVE ECONOMY: A FEASIBLE STRATEGY FOR SUSTAINABLE DEVELOPMENT?

Abstract

The creative economy can be seen as a new paradigm that brings the characteristic features of a model that brings as sustainability assumption the well-being improving and the socioeconomic inclusion. Therefore, the central purpose of this article is to identify the existence of a relationship between creative economy and the development of countries. The central idea is that: if indeed the creative economy can be seen as a development strategy, countries with better creative performance tend to have better results in development indicators, both economic and social and environmental sphere. In this sense, in methodological terms, it was conducted a cluster analysis in order to discover the relationships between observations, grouping countries by homogeneous characteristics, for the variables GCI (Global Creativity Index, in this paper treated as creative score), HDI (Index Human Development), percapita GDP (Gross Domestic Product Per Person) and HPI (Happy Planet Index). As result this study shows that although in theory the relationship between creative economy and sustainable development may seem as straightforward, and somehow somewhat obvious, the cluster analysis revealed that the creative economy alone can't promote a development that can be sustained over the time.

Key Words: Creative Economy; Sustainable Development; Multidimensional Development; Indicators.

1. Introdução

Recentemente muito tem se falado em estratégias de desenvolvimento que sejam mais sustentáveis. (FLORIDA, 2011; TELLES, 2011; DEHEINZELIN, 2008; REIS, 2008; BRASIL, 2011). Estas estratégias são tidas como mais sustentáveis porque procuram promover o desenvolvimento não vinculado somente às questões econômicas, mas também à esfera social e ambiental, e também, por utilizar de modelos que fazem uso dos recursos naturais de modo menos predatório. Conforme ressaltou Bursztyn (2001) a noção de sustentabilidade está apoiada num tripé, sendo necessário haver equilíbrio entre a dimensão econômica, a social e a ambiental.

Em se tratando de desenvolvimento sustentável, Sachs (1992) também apontou que este é constituído por dimensões da sustentabilidade: a social, cultural, ecológica, ambiental, territorial, econômica e política. Para Robinson (2004), Banerjee (2003) e Mauerhofer (2008), desenvolvimento sustentável é um termo que abarca várias dimensões podendo se destacar a econômica, a social e a ambiental. Por abarcar diferentes dimensões o termo está imerso em uma profunda complexidade, haja vista, que o desenvolvimento sustentável pode ter significados diferentes para indivíduos diferentes (NORGAARD, 1994).

Em tempos de crise, e tendo em vista ainda, que os recursos tem se tornado cada vez mais escassos, promover o desenvolvimento sustentável passou de uma ideologia desvinculada da prática para uma estratégia essencial a qualquer país que queria manter-se competitivo. A questão de ser sustentável para Telles (2011) é um tema complexo que envolve diversas dimensões e que, portanto, deve ser abordado de forma ampla (BARBIERI, 1997). Os aspectos econômicos, sociais e ambientais de todos envolvidos precisam ser considerados pelos países desenvolvidos e pelos em desenvolvimento.

Atingir o desenvolvimento que seja sustentável remete à noção da procura por uma nova forma de conceber as soluções para os problemas que tem solapado o mundo, não olhando apenas para o aspecto ecológico, mas contemplando outras dimensões como: a social, política, cultural e também as questões de desigualdade e pobreza (BARBIERI, 1997). Neste sentido, propostas que procuram fomentar o setor da economia criativa seriam capazes de permitir que ocorra o que Sachs (2004) aponta como estratégias para um desenvolvimento incluyente, sustentável e sustentado.

Uma vez que se baseia no contexto e singularidade de cada região a economia criativa é capaz de endogenamente quebrar a dinâmica do círculo vicioso de pobreza de países menos desenvolvidos. O próprio Furtado (1998) já lutava há algum tempo por um desenvolvimento desconcentrado, fundamentado na diversidade cultural e criativa das regiões, procurando fomentar os processos criativos como estratégias para superação do subdesenvolvimento.

Neste contexto, aplicado ao setor da economia criativa, a noção de desenvolvimento sustentável em suas variadas dimensões (SACHS, 2004; VEIGA, 2005; SEN e KLIKSBURG, 2011) ganha a atenção de autores (REIS, 2008; UNCTAD, 2010; DEHEINZELIN, 2008; DCMS, 2005; BENDASSOLI, 2009), uma vez que representa potencial alternativa para manter a competitividade de países, uma vez que trabalha com recursos intangíveis, ou seja, são recursos que acabam se renovando com o uso.

O *The Creative Economy Report* (UNCTAD, 2010) e o *The Creative Economy* (BRITISH COUNCIL, 2010) também enfatizam o potencial que da economia criativa e que por isso, tem se tornado uma questão pertinente na agenda de desenvolvimento internacional dos governos. Se for trabalhada de forma adequada, a criatividade é capaz de incentivar a cultura, infunde um desenvolvimento centrado no ser humano e representa o componente essencial para a criação de trabalho digno, inovação e comércio, simultaneamente, contribui promovendo a inclusão social, a diversidade cultural e sustentabilidade ambiental.

A economia criativa pode ser vista como um novo paradigma, que tem base em ativos intangíveis como a criatividade e conhecimento, alicerçados sobre uma base cultural e

conectada com a tecnologia como veículo propulsor, a organização dos mercados em redes, as parcerias entre os agentes sociais e econômicos, a prevalência de aspectos intangíveis da produção, o uso das novas tecnologias para a produção, distribuição e/ou acesso aos bens e serviços e a unicidade da produção, fortemente ancorada na singularidade. Tudo isso são traços característicos de um modelo que apresenta como pressuposto de sustentabilidade a melhoria do bem-estar e a inclusão socioeconômica (REIS, 2008).

A novidade deste tema e as vantagens que os setores criativos podem proporcionar aos países tem estimulado uma série de estudos a nível internacional (CAVES, 2000; FLORIDA, 2011; HEARTLY, 2005; HOWKINS, 2001) e mais recentemente a nível nacional (REIS, 2008, 2009; DEHEINZELIN, 2008; BENDASSOLI et al. 2011). Sendo assim, este artigo propõem-se a investigar o seguinte problema: **Existe de fato uma associação entre economia criativa e desenvolvimento que permite argumentar que tal setor configure uma proposta viável para promover o desenvolvimento de forma sustentável em países?** Assume-se neste trabalho a ideia de que o desenvolvimento é multidimensional, e engloba a esfera econômica, mas também abarca em sua totalidade aspectos sociais, culturais e ambientais. Como ressaltou Sachs (2004), desenvolvimento e crescimento não são sinônimos. O crescimento econômico é necessário, mas tem valor apenas instrumental, “o desenvolvimento não pode ocorrer sem desenvolvimento, no entanto, o crescimento não garante por si só o desenvolvimento [...]” (SACHS, 2004, p. 71).

Diante disto, o objetivo central deste artigo é identificar a existência de relação entre economia criativa e o desenvolvimento de países. A ideia central é que: se de fato a economia criativa pode ser vista como uma estratégia de desenvolvimento, países com melhor desempenho criativo tendem a apresentar melhores resultados nos indicadores de desenvolvimento, tanto econômicos quanto na esfera social e ambiental. Para tanto, realizou-se neste estudo uma análise de cluster, no intuito de descobrir as relações entre as observações, agrupando os países por características homogêneas para as variáveis GCI (Índice Global de Criatividade, neste trabalho tratado como score criativo), IDH (Índice de Desenvolvimento Humano), PIB *percapita* (Produto interno bruto por indivíduo) e HPI (*Happy Planet Index*).

Este artigo está estruturado em cinco partes, incluindo esta introdução, em que foram apresentados os objetivos, os contornos e as premissas iniciais desta pesquisa. A seguir, serão discutidos no referencial teórico as questões relacionadas aos aspectos da criatividade e desenvolvimento, e a importância deste setor para promover o desenvolvimento sustentável em territórios. Em seguida são apresentados os procedimentos metodológicos empreendidos, e no quarto item, são expostos os resultados e discussões sobre o objeto em estudo. Por último, seguem-se algumas conclusões no intuito de orientar novas pesquisas na área e contribuir para este campo de investigação.

2. Referencial teórico

2.1 Aspectos gerais sobre o desenvolvimento sustentável: definição e formação do conceito

Segundo Romeiro (1998) o conceito de desenvolvimento sustentável somente passou a ter um olhar dissociado do processo de crescimento econômico a partir dos anos 60, quando abriu-se os olhos para o problema da degradação ambiental. Nesse sentido, é importante destacar a realização da primeira conferência mundial sobre o meio ambiente, em Estocolmo, em 1972. Isto porque até então, crescimento e desenvolvimento eram vistos como sinônimos, o que mais tarde foi criticado por Sachs (2004).

Em seu artigo publicado em 2011 este mesmo autor aponta que o conceito de desenvolvimento sustentável surgiu como nome de ecodesenvolvimento, como resultado da tentativa de encontrar uma terceira via alternativa àquelas que savam no contexto da oposição de proposições dos desenvolvimentistas de um lado, e dos zeristas¹ de outro. O que este novo conceito trouxe de inovador foi a noção de que a visão prevalecente de crescimento econômico como condição necessária e suficiente para o progresso não é mais crível. Certamente esta era uma condição necessária mas não suficiente

Durante a Comissão de Brundtland, na década de 1980, onde foi elaborado o relatório *Our Common Future*, onde foi apresentada uma definição sobre desenvolvimento sustentável, que foi amplamente difundida, atribuindo que desenvolvimento sustentável: “É a forma com as atuais gerações satisfazem as suas necessidades sem, no entanto, comprometer a capacidade de gerações futuras satisfazerem as suas próprias necessidades” (Brundtland *apud* Scharf, 2004, p.19).

Para Elkington (2001) passados alguns anos de ocorrido da Comissão, percebeu-se que somente as questões ambientais não seriam capazes de resolver os problemas de uma economia global sustentável. Seria necessário atingir outros meios para se conseguir a sustentabilidade. O autor colocou que é necessário ver a questão da sustentabilidade em um quadro completo, e que então, a questão a ser tratada não era somente uma questão ambiental ou econômica, mas também, uma questão social. Desde então passou-se a tratar o desenvolvimento de uma forma mais ampla, dentro de uma multidimensionalidade que acabou conferindo uma complexidade ao tema. Veiga (2005) aponta que desde então uma definição mais precisa do termo precisa tem sido objeto de controvérsias.

Segundo Romeiro (1998) a visão dominante por muito tempo entendia o desenvolvimento sustentável como um processo de crescimento econômico contínuo, autosustentado por um círculo virtuoso provocado pelo aumento da taxa de investimento, que conduz ao crescimento e à diversificação da demanda. É a lógica que via o crescimento econômico como condição necessária, mas também suficiente, para a prosperidade e elevação do bem-estar das massas. O que como passar dos tempos pode ser questionado (SACHS, 2004).

Na verdade, o crescimento econômico poderia ocorrer *pari passu* com a manutenção ou mesmo ampliação da exclusão social, como seu desempenho no longo prazo tenderia a ser comprometido pelo agravamento das desigualdades sociais e da degradação ambiental (FURTADO, 1998; SEM e KLIKSBERG, 2011; SACHS, 2004; ROMEIRO, 1998). O desenvolvimento sustentável é um processo de aprendizagem social de longo prazo, que por sua vez, é direcionado por políticas públicas orientadas por um plano de desenvolvimento nacional. Assim, a pluralidade de atores sociais e interesses presentes na sociedade colocam-se como um entrave para as políticas públicas para o desenvolvimento sustentável (BEZERRA e BURSZTYN, 2000).

Segundo Veiga (2005) o desenvolvimento sustentável pode ser visto como um enigma a ser dissecado, mesmo que ainda não resolvido. Quando ele publicou seu livro, “Desenvolvimento Sustentável: o desafio para o século XXI”, Veiga aponta que o conceito de desenvolvimento sustentável é uma utopia para o século XXI, no entanto ele defende a necessidade de se buscar um novo paradigma científico capaz de substituir os paradigmas do “globalismo” que caracterizam o velho modelo de produção capitalista. (VEIGA, 2005).

¹ Zeristas é como são chamados os defensores do crescimento zero. Eles também são chamados de “neo-malthusianos”, sendo que para eles os limites ambientais levariam a catástrofes se o crescimento econômico não parasse.

2.2 O Binômio criatividade e desenvolvimento

Sendo um fenômeno de várias dimensões (cultural, político, econômico, tecnológico), os múltiplos dinamismos e conexões (HARTLEY, 2005), inseridos no setor criativo provocam transformações profundas que desembocam em mudanças sociais, organizacionais, políticas, educacionais e econômicas. Com base nisto alguns autores propõem que a movimentação no campo da economia criativa e da cultura seja alvo de uma reflexão típica de estratégias que resultem em políticas públicas e programas específicos de fomento.

Este campo mostra-se estratégico para promover o desenvolvimento de forma sustentável, justamente por atuar simultaneamente em diferentes dimensões. Ainda, é um setor onde os recursos se renovam e multiplicam com o uso, sendo, portanto uma atividade de forte desempenho econômico, mas também de interação social, ambientalmente correta e que fortalece os valores, diferenciais e a credibilidade de comunidades e territórios, mas também de empresas (DEHEINZELIN, 2008). O contexto criativo conforme a UNCTAD (2010) engloba tanto aspectos econômicos quanto os culturais, ambientais e sociais, interagindo com objetivos tecnológicos e também de áreas como o turismo e educação, o que acaba por incrementar o grau de complexidade às relações existentes neste meio.

De acordo com o relatório *The Creative Economy Report* (2010), a área de economia criativa tem uma relação muito estreita com a cultura, e ainda abarca diversas outras dimensões como também a social e ambiental. Esta natureza multidisciplinar requer políticas interministeriais e diálogo envolvendo todas as partes interessadas. Segundo este relatório esse campo carece de uma análise que seja feita de uma forma sistêmica, com metodologias, dados, estatísticas e indicadores tanto quantitativos quanto qualitativos. Estas metodologias devem ser capazes de envolver os valores sociais, comportamento e transformações de grupos de um determinado espaço em que se estabelecem as diretrizes (QUINTERO, 2011).

A noção de economia criativa esta diretamente imbricada com a promoção do desenvolvimento sustentável, uma vez que é capaz de promover o desenvolvimento sustentável e humano, de forma inclusiva social e tecnológica, ou seja, perpassa a visão reducionista do mero crescimento econômico. Sendo um conceito novo e em evolução acaba implicando em mudanças das estratégias de desenvolvimento convencionais segmentadas e focadas nos bens intelectuais como commodities primárias e na fabricação industrial.

3. Metodologia

Em sintonia com os objetivos deste artigo e com as posições teóricas abordadas anteriormente, adotou-se uma metodologia de pesquisa exploratória, uma vez que o que se pretende é propor argumentos e reflexões para melhorar o entendimento das possibilidades de desenvolvimento para países, procurando proporcionar maior familiaridade com o problema, no intuito de torna-lo mais explícito. Isto possibilitaria o aprimoramento de ideias e a proposição de premissas, questionamentos e hipóteses para investigação (COOPER E SCHINDLER, 2003). A pesquisa foi desenvolvida por meio da coleta de dados secundários em fontes diversas. Foram selecionados 81 países para análise com base na disponibilidade dos dados para as variáveis GCI, IDH, PIB_{percapita}, HPI, para o período de 2010 a 2012.

O procedimento estatístico utilizado foi a análise de cluster e o teste ANOVA. Para agrupar os países com características homogêneas quanto as variáveis explicitadas anteriormente realizou-se uma análise de cluster. Os países foram agrupados em três clusters e, posteriormente, aplicou-se o teste ANOVA para avaliar se havia diferença estatisticamente significativa entre as médias dos grupos de cluster definidos.

3.1 Caracterização das variáveis

Os dados foram obtidos por meio de fontes como o *Martin Propensity Institute* da Universidade de Toronto – Canadá, e o banco de dados da Organização das Nações Unidas (ONU), NEF (*The New Economics Foundation*), UNPD (*Human Development Report*) e *Global Ecological Footprint*. As variáveis escolhidas para realizar a análise de cluster são descritas de forma sucinta a seguir.

A variável **Score Criativo** representa a pontuação obtida por cada país para o Índice Global de Criatividade (*GLOBAL CREATIVE INDEX*). Este índice é um compilado de três subíndices. Juntos eles formam o índice global comumente chamado como índice 3Ts (FLORIDA e TINAGLI, 2004; UNCTAD, 2010; CRUZ, 2010; MPI, 2011). O índice global é formado por três constructos estabelecidos pelo índice de tecnologia, o índice de tolerância e o índice de talento.

Cada um destes agrega ainda outros subíndices. Por exemplo, o **índice de talento** é formado pelo subíndice classe criativa, que é composto por variáveis como a porcentagem da população empregada em ocupações criativas no total da população empregada, capital humano, formado por variável como a porcentagem de população com habilitação ao nível de bacharel ou superior e pelo subíndice talento científico, envolvendo como variável a quantidade de pessoal envolvido em P&D e C&T na população ativa e o número de doutorados na área de C&T por mil habitantes (25-34 anos).

O **Índice de Tolerância** é formado pelos subíndices diversidade, que envolvem variáveis como o número de estrangeiros que solicitaram estatuto legal de residência e o grau de diversidade étnica de estrangeiros com base no país de origem. Compõem ainda o Índice de tolerância o subíndice integração e atitude e valores, ambos composto por uma série de variáveis.

O **Índice de Tecnologia**, formado por três subíndices, inovação, alta tecnologia e conectividade. O primeiro é composto por variáveis do tipo Número de patentes de alta tecnologia por milhão de habitantes, porcentagem de empresas inovadoras, despesas com P&D e C&T. O segundo é formado por variáveis como o valor adicionado bruto nos setores de alta e média tecnologia, dispêndios em relação ao PIB com inovação de alta tecnologia. O terceiro é formado por variáveis que caracterizem o grau de conectividade do país, como o número de domicílios com computar e acesso a internet dentre outras.

Em resumo quanto mais alto o score no Índice Global de criatividade (IGC) maiores são as perspectivas para uma desenvolvimento sustentável, para uma combinação de fatores econômicos subjacentes, social e cultural, referido no índice como o 3Ts de desenvolvimento econômico-Tecnologia, Talento e Tolerância (FLORIDA e TIGALI, 2004; MTI, 2011). A pontuação do IGC permite comparar para uma série de outros indicadores de competitividade e de prosperidade além das formas convencionais de medição para medidas alternativas de igualdade econômica, desenvolvimento humano, felicidade e bem-estar.

A variável que **IDH**, o Índice de Desenvolvimento Humano, é uma medida resumida do progresso a longo prazo em três dimensões básicas do desenvolvimento humano: renda, educação e saúde. O objetivo da criação do IDH foi o de oferecer um contraponto a outro indicador muito utilizado, o Produto Interno Bruto (PIB) per capita, que considera apenas a dimensão econômica do desenvolvimento (PNUD, 2011). Assim a variável **IDH** representa os valores obtidos para os 81 países analisados, variando de 0 a 1, de forma que um valor mais próximo de um sinaliza que determinado país tem um desenvolvimento humano maior comparativamente a outro para o conjunto de dimensões, expectativa de vida ao nascer, educação e PIB per capita.

Destaca-se aí o componente educação, que tem estreita relação com a economia criativa e com o desenvolvimento humano dos países. A educação é um fator essencial para o

desenvolvimento da economia criativa, neste campo, segundo Throsby (2001) as atividades são mais dependentes da iluminação e da educação da mente humana do que de simples aquisição de habilidades técnicas ou vocacionais. Como ressaltou Veiga (2004), o IDH apesar de suas evidentes limitações, o índice foi legitimado, o que não significa que ele precise de aperfeiçoamentos. É o que tem sido feito desde 1990, quando o índice surgiu.

A variável HPI (**Happy Planet Index**) constitui-se no índice que segundo Louette (2009) mostra a eficiência ecológica com a qual o bem-estar humano é obtido em todo o mundo, por nação ou grupo de nações. O Índice tem origem na *New Economics Foundation* (NEF), esta que foi criada em 1986 pelos líderes do *The Other Economic Summit* (TOES), um organismo que forçava a inclusão de questões como o endividamento internacional nas agendas de discussão do G-7 e do G-8, grupo de países mais ricos do mundo. É o primeiro índice a combinar impacto ambiental e bem-estar, a fim de medir, país por país, a eficiência ambiental com a qual as pessoas vivem vidas longas e felizes. De acordo com Louette (2009) os resultados são surpreendentes, mas há muito a aprender com o que revelam os números do índice.

O HPI reflete a duração média de uma vida feliz produzida por uma determinada sociedade, nação ou grupo de nações, por unidade de recursos planetários consumida. Ou seja, ele representa a eficiência com a qual os países convertem os recursos finitos da Terra em bem-estar para os seus cidadãos. Tal índice leva em consideração em seu cálculo três indicadores separados: a pegada ecológica, a satisfação com a vida e a expectativa de vida. Os cálculos estatísticos que embasam o HPI são bastante complexos. Entretanto, conceitualmente, o raciocínio é:

$$\text{HIP} = \text{Satisfação com a vida} \times \text{expectativa de vida} / \text{Pegada ecológica}$$

O HPI é calculado pela multiplicação da expectativa de vida pelo nível de satisfação com a vida. Esse resultado é dividido pelo impacto ambiental de cada país, fator que inclui as emissões de gás carbônico.

A utilização de mais de um índice neste estudo se justifica pela dificuldade histórica de se mensurar o desenvolvimento (VEIGA, 2004), que se deve justamente à natureza multidimensional do processo de desenvolvimento. Por isso é possível de se desconfiar do poder de mensuração de um único índice sintético, sendo necessário um compendio de indicadores que abarquem a multidimensionalidade do processo de desenvolvimento.

3.2 Procedimento Analítico

3.2.1 Análise de Cluster

O modelo analítico estatístico utilizado foi a análise de cluster e posteriormente o teste Anova. Como forma de realizar os agrupamentos homogêneos entre os países selecionados, visando melhor compreender os estágios de desenvolvimento entre as unidades segundo as variáveis selecionadas, realizou-se a análise de cluster ou de conglomerados. De acordo com Pestana e Gageiro (2008), a análise de cluster trata-se de um procedimento multivariado que serve para detectar grupos homogêneos nos dados, podendo o grupo ser constituídos por variáveis ou por casos. Mais formalmente, a análise de cluster objetiva alocar indivíduos em grupos de elementos mutuamente exclusivos, semelhantes, isto é, agrupa-se tal que os elementos pertencentes a um grupo são mais parecidos quanto possível uns com outros, enquanto indivíduos em grupos diferentes são dissimilares. Isto nos leva a medir a semelhança (ou diferença) de todo par de indivíduos

Neste sentido, duas técnicas de análise de clusters são utilizadas: o agrupamento hierárquico e o agrupamento não-hierárquico. O primeiro, permite a obtenção de clusters,

quer de objetos, quer para variáveis, enquanto o segundo método é apenas válido para obtenção de clusters de sujeitos (MAROCO, GARCIA e MARQUES 2007). Para este estudo, utilizou-se o método hierárquico que, segundo Pestana e Gageiro (2008), os clusters formam-se com base nos pares de casos mais próximos de acordo com uma medida de distancia escolhida.

Utilizou-se do método Aglomerativo de Ward. Sendo assim, “no procedimento de Ward, a seleção de qual par de agrupamentos deve-se combinar é baseada em qual combinação de agregados minimiza a soma interna de quadrados no conjunto completo de agrupamentos separados ou disjuntos” HAIR et al (2009, p. 452). Ainda, a distância utilizada foi a distância euclidiana quadrada, que tem a vantagem de que não é necessário calcular a raiz quadrada e é a distância recomendada para os métodos de agrupamento Ward.

3.3.3 Teste de Variância Anova

O teste ANOVA foi feito no intuito de determinar se as médias dos diferentes países que compõem a amostra possuem diferenças significantes para as quatro variáveis para os grupos de clusters definidos (MALHOTRA, 2001; MONTGOMERY, 1996).

De acordo com Triola (2008) e Hair et al (2005), a Anova se baseia na comparação de duas estimativas diferentes da variância comum de duas populações diferentes. A hipótese nula é que as médias são iguais e a alternativa de que há diferença estatisticamente entre pelo menos duas variáveis. No teste de variância ANOVA as variáveis exógenas, também designadas por independentes são de natureza qualitativa (nominal ou ordinal), e designam-se por fatores (PESTANA e GAGEIRO, 2008). Foi utilizado também o teste HSD de Tukey que compara os pares de médias, ou seja, as médias dos grupos com o objetivo de localizar onde se situam as diferenças significantes, para identificar quais os clusters se diferenciam em cada variável determinada (GOMES, 1981; PESTANA e GAGEIRO, 2008).

4. Resultados e discussão

5.

5.1 Uma interpretação importante

Primeiramente, é interessante observar os dados para o HPI, e analisar o que ele está dizendo para o grupo de países selecionados. A tabela 1 a seguir mostra os valores do HPI para os 81 países da amostra analisada. É importante destacar que o HPI difere marcadamente do principal indicador de renda geralmente usado para medir o sucesso de uma nação – o Produto Interno Bruto (PIB) e também tem uma fundamentação diferente para os vários indicadores alternativos, que partem do valor do PIB e depois subtraem custos sociais e ambientais para criar uma medida mais precisa do sucesso econômico.

Pela pontuação do índice, pode-se perceber que países ricos como o Japão, Canadá e França tiveram um score consideravelmente baixo, ocupando posições de classificação perto dos 100 para um total de 178 países que compõem o índice geral. Países da América Central responderam por nove das dez primeiras posições dos países mais felizes. Isso revela que países com PIB baixo, com baixa expectativa de vida respondem a uma pontuação maior. Isto se explica pela utilização de estratégias mais criativas, que fazem uso menor do que seria a cota justa de recursos naturais para ter vidas felizes, contribuindo para diminuir a pressão antrópica sobre o meio ambiente.

Tabela 1: Valores do Happy Planet Index por Países Seleccionados

Países	HPI (score)	Países	HPI(score)
Suécia	46,42	Ucrânia	37,6
Finlândia	42,7	China	44,7
Dinamarca	36,6	Equador	52,5
Austrália	42	Egito	39,6
Canadá	43,6	El salvador	58,9
Holanda	43,1	Tailândia	53,5
Bélgica	37,1	Jamaica	58,5
Irlanda	42,4	Letônia	34,9
Reino Unido	47,9	Uruguai	39,3
Alemanha	47,2	Argentina	54,1
Áustria	47,1	Bulgária	34,1
Nova Zelândia	51,6	chile	53,9
França	46,5	Malásia	40,5
Espanha	44,1	Panamá	57,8
Itália	46,4	Romênia	42,2
Grécia	40,5	México	52,9
Israel	55,2	Turquia	47,6
Korean	42,08	Nicarágua	57,1
Japão	47,5	Índia	50,9
Chipre	45,5	Filipinas	52,4
Eslovênia	40,3	Armênia	46
Portugal	38,7	Geórgia	46
República Tcheca	39,4	Bolívia	43,6
Trinidad e Tobago	30,3	Siri Lanka	48,4
Hungria	37,4	Quirquistão	49,1
Rússia	34,5	Uganda	31,5
Estônia	34,9	Mongólia	26,8
Croácia	40,6	Honduras	56
Polônia	42,6	Madagascar	46,8
Lituânia	34,6	Paraguai	45,8
Eslováquia	40,01	Vietnam	60,4
Arábia Saudita	46	Paquistão	54,1
Servia	41,3	Indonésia	55,5
Costa Rica	64	Camboja	40,3
Brasil	52,9	Estados Unidos	37,3
África do Sul	28,2	Suíça	50,3
Macedônia	28,3	Hong Kong	37,5
Cazaquistão	34,7	Emirados Árabes	31,8
Peru	52,4	Noruega	51,4
Azerbaijão	40,9	Singapura	39,8
Iran	41,7		

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da *New Economics Foundation*

É importante ressaltar que o HPI não diz qual é o país “mais feliz” do mundo (LOUTTE, 2009; NEF, 2011), mas revela a eficiência relativa com a qual as nações convertem os recursos naturais do planeta em vida longa e feliz para seus cidadãos, um indicador de nível

de bem-estar. Neste sentido, as nações que estão posicionadas no topo do ranking não são, de modo algum, os lugares mais felizes do mundo, mas sim nações que pontuam bem, mostrando que é possível obter vida longa e feliz sem forçar os recursos do planeta.

O HPI mostra que em todo o mundo, altos níveis de consumo de recursos naturais não necessariamente produzem altos níveis de bem-estar (satisfação com a vida) e que é possível produzir altos níveis de bem-estar sem um consumo excessivo dos recursos da Terra. Isso corrobora o que muitos autores que trabalham com economia criativa dizem: o velho modelo de desenvolvimento, praticado no mundo moderno, baseado na acumulação de riqueza e no crescimento do Produto Interno Bruto (PIB) esta cada vez mais em decadência (FLORIDA, 2011; HOWKING, 2001; REIS, 2008; DEHEINZELIN, 2008).

É o que autores clássicos dos estudos de desenvolvimento sustentável como Ignacy Sachs e Amartya Sen já traziam em seus estudos preliminares. Stahel (1995) também aborda esta temática quando argumenta que a questão da sustentabilidade deve ser tratada em uma discussão mais ampla, que remete à própria sustentabilidade do sistema industrial-capitalista. Ou seja, é necessário pensar em desenvolvimento para além de um desenvolvimento capitalista sustentável, ou seja, uma sustentabilidade dentro do quadro institucional de um capitalismo de mercado (STAHHEL, 1995).

O índice também revela que há diferentes caminhos para alcançar níveis comparáveis de bem-estar. O modelo seguido pelo ocidente pode trazer longevidade generalizada e distintos níveis de satisfação com a vida, mas só o faz a um preço alto e, no fim das contas, contraproducente em termos de consumo dos recursos.

5.2 Análise dos Clusters

De posse dos dados referentes ao SCORECRIATIVO, IDH, PIB *percapta* e HPI para os países, o primeiro passo foi realizar a análise descritiva dos dados, para posteriormente agrupar os países em grupos de cluster. Inicialmente delimitou-se uma faixa de cluster para um mínimo de 3 e o máximo de 8, após as análises e interpretação do comportamento das variáveis em cada grupo estabeleceu-se 6 clusters. Ainda, adotou-se de acordo com a literatura que para o SCORECRIATIVO, um score <0,5 é considerado baixo; $0,5 \leq \text{score} \leq 0,799$ médio e um score >0,799 é considerado alto.

Para o IDH (IDH<0,5 baixo; IDH>0,8 alto e $0,5 \leq \text{IDH} \leq 0,8$ médio). Para o HPI assume-se que uma pontuação entre 0 - 40 é considerada baixa; entre 40 - 60 é considerada média e, uma pontuação entre 60-100 é alta;). Para o PIB *percapta* tem-se que PIB>35048 alto; PIB<5.348,00 baixo, na faixa entre médio. A tabela 2 revela a estatística descritiva para o cluster 1 .

Tabela2: Cluster 1 Estatísticas Descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Varição
Pontuação no GCI	11	0,26	0,26	0,923	0,82864	0,072848	0,05
PIB por pessoa dos Países	11	6479	6479	42165	38745,454	1905,691	3531658,87
Pontuação no IDH	11	0,065	0,65	0,929	0,89773	0,178	0,00
Pontuação no HPI	11	11,3	36,6	47	43,2836	3,832	14,686
N válido(lista)	11						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

No cluster 1 foram agrupados 11 países em que a média de pontuação do GCI foi de (0,828), revelando que os países deste grupo são altamente criativos. Complementa ainda uma alta pontuação no IDH (0,897) um PIB *percapta* alto e pontuação no HPI média. Fazem parte deste grupo países como, Canadá, Suécia, Finlândia, Dinamarca, França, Áustria e outros. São países que figuram entre os mais desenvolvidos na dimensão econômica e na humana inclui-

se ai países que foram pioneiros em trabalhar com economia criativa, como o Reino Unido e a Austrália, são países que foram capazes de pensar estrategicamente suas políticas para os setores relacionados a criatividade e intelectualidade para promover desenvolvimento (FLORIDA, 2011;), visto em muitos deles nas Industrias criativas.

A análise do HPI deste grupo revela ineficiências na dimensão sustentabilidade, quando analisamos o lado ambiental, em termos de sacrifícios dos recursos naturais por pessoa. Estes países podem ter bons indicadores de longevidade e bem-estar, porém, a pegada ecológica destes puxa estes países pra níveis bem baixos no HPI. São países desenvolvidos nas dimensões humanas e econômicas, são criativos, mas não são sustentáveis quando se leva em consideração a dimensão ambiental. São eficientes em oferecer vida longa e bem-estar, mas para isso sacrificam os recursos naturais. O que corrobora o que autores como Sachs (2004); Romeiro (2011) e Sen e Kliksberg, (2011) argumentam, de que crescimento econômico não pode ser visto como condição necessária e suficiente para o progresso. Percebe-se que criatividade por si só aqui não é suficiente para promoção da sustentabilidade em sua totalidade (LOUETTE, 2009, NEF, 2011).

A tabela 3 a seguir traz as informações para o segundo cluster, formado por 12 países da amostra.

Tabela 3 : Cluster 2 Estatísticas descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	esvio padr:	Varição
Pontuação no GCI	12	0,447	0,191	0,693	0,49092	0,126	0,16
PIB por pessoa dos Países	12	8595	18370	26965	22379,25	2941,81	8554217
Pontuação no IDH	12	0,129	0,755	0,884	0,81225	0,03932	0,02
Pontuação no HPI	12	15,7	30,3	46	38,275	4,219	17,085
N válido(lista)	12						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Para o cluster 2 a média de pontuação do GCI foi de 0,491, revelando que os países deste grupo apresentam níveis baixos de criatividade. Complementa ainda uma relativamente alta pontuação no IDH (0,812). Estes países estão praticamente na faixa de corte entre IDH médio e alto. O PIB *percapita* é médio, e a pontuação no HPI baixa.

Fazem parte deste grupo países como, Portugal, Rússia, Eslováquia, Eslovênia, Republica Checa, Emirados Árabes e outros. São países que tem dinamismo na dimensão econômica “modesto”, porém, na dimensão desenvolvimento humano apresentam resultados satisfatórios. Inclui-se ai países que foram palco de problemas políticos e apresentam problemas quanto a proporcionar bem-estar para a população. Não possuem tradição, nem se pode encontrar destaque para a economia criativa nestes países.

Apesar dos relativamente bons indicadores de desenvolvimento humano, apresentam baixo desempenho criativo. O desempenho na dimensão HPI é afetado negativamente principalmente pelo baixo desempenho na pegada ecológica e na promoção do bem-estar dos indivíduos (NEF, 2011). O fomento a setores criativos poderia ser uma estratégia viável para promoção do desenvolvimento em sua totalidade, mas deveria ser acompanhado por políticas de promoção ao bem-estar da população e estratégias menos predatórias para como os recursos naturais.

Os resultados do cluster 3 são apresentados na tabela 4 a seguir. Nele estão agrupados 26 países. Fazem parte deste grupo países de diversas regiões do mundo, como Paquistão, Turquia, Mongólia, Bolívia, México, Brasil, Argentina, Egito, Ucrânia e outros.

Tabela 3: Cluster 3 Estatísticas descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Variação
Pontuação no GCI	26	0,443	0,171	0,614	0,37	0,115495	0,013
PIB por pessoa dos Países	26	10160	6180	16340	11529,769	3216,5516	103446204,2
Pontuação no IDH	26	0,186	0,619	0,805	0,732	0,48172	0,02
Pontuação no HPI	26	35,8	28,2	64	45,653	9,8794	97,603
N válido(lista)	26						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Para o cluster 3 a média de pontuação do GCI foi de (0,370), revelando que os países deste grupo apresentam baixos níveis de criatividade. Complementa ainda uma média pontuação para o IDH (0,732). O PIB *percapita* é baixo e a pontuação no HPI é considerada média.

São países que tem um baixo dinamismo na dimensão econômica e demonstraram um desempenho na dimensão desenvolvimento humano a desejar. O desempenho criativo baixo sinaliza para a ociosidade dos recursos intangíveis neste grupo, pois seus membros possuem uma vasta diversidade cultural, e ainda, conhecimento e criatividade em abundancia (BRASIL, 2011; REIS, 2008; DEHEINZELIN, 2008) de modo que o setor da economia criativa poderia ser estratégico para promover a inclusão de segmentos periféricos da população e também formar mercados. Para tanto é importante que se construa políticas públicas e programas de governo bem articulados com outros setores não estatais.

No Brasil, país membro deste cluster, pode-se identificar uma série de iniciativas para fortalecer o setor da economia criativa objetivando promover o desenvolvimento mais sustentável (BRASIL, 2011). Nesta mesma direção encontra-se a Argentina.

Em suma percebe-se que são países com dinamismo econômico relativamente baixo, com níveis desenvolvimento humano mediano e não criativos (mas com potencial em efervescência), e com sustentabilidade ambiental média. Esta última revela que estes países tem conseguido promover o bem estar por meio de estratégias que representam uma menor pressão sobre os recursos naturais.

A tabela 5 a seguir revela os valores obtidos no 4º cluster, formado por seis países.

Tabela 5: Cluster 4 Estatísticas descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Variação
Pontuação no GCI	6	0,389	0,513	0,902	0,7685	0,145694	0,021
PIB por pessoa dos Países	6	11548	46384	57932	50402,5	5575,23426	31083237,1
Pontuação no IDH	6	0,097	0,845	0,943	0,89433	0,03418	0,001
Pontuação no HPI	6	19,6	31,8	51,4	41,35	7,82221	61,187
N válido(lista)	6						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Para o cluster 4 a média de pontuação do GCI foi de (0,768), revelando que os países deste grupo apresentam níveis de criatividade médios. Complementa ainda uma alta pontuação no IDH (0,894), um PIB *percapita* alto e pontuação no HPI média. Porém praticamente em cima da faixa de corte entre o baixo e o médio.

Fazem parte deste grupo países como a Noruega, Suíça, Emirados Árabes, Estados Unidos, Hong Kong e Singapura. São países que tem um elevado dinamismo na dimensão econômica e na dimensão desenvolvimento humano. O desempenho criativo deste grupo é influenciado principalmente pela dimensão inovação, capital humano e talento criativo. São países que investem muito em educação e ciência e tecnologia, fatores chave para o

desenvolvimento do setor criativo (FLORIDA e TIGALI, 2011). O desempenho criativo poderia ter sido melhor, no entanto a média foi puxada pra baixo pelos Emirados árabes unidos, que apresentou pontuação de 0,513.

Quanto ao indicador HPI, a média foi puxada para cima por conta de dois países, Suíça e Noruega, que apresentaram um desempenho bom frente ao péssimo desempenho de países como os Estados Unidos, Emirados árabes, Hong Kong e Singapura. Pode-se dizer assim que estes apesar de criativos e desenvolvidos economicamente e também para as dimensões sociais, promovem o bem estar de sua população e maiores condições de longevidade às custas de um grande impacto ambiental. Então, a criatividade não tem sido diretamente relacionada com sustentabilidade ambiental neste caso. A tabela 6 a seguir apresenta os valores para os 17 países agrupados no cluster 5.

Tabela 6: Cluster 5 Estatísticas descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Variação
Pontuação no GCI	9	0,403	0,463	0,866	0,65944	0,123455	0,015
PIB por pessoa dos Países	9	5715	28408	34123	30978,7778	2173,32647	4723347,944
Pontuação no IDH	9	0,068	0,84	0,908	0,88122	0,021159	0
Pontuação no HPI	9	14,7	40,5	55,2	46,5978	4,54038	20,615
N válido(lista)	9						

Fonte: Elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Para o cluster 5 a média de pontuação do GCI foi de (0,659), revelando que os países deste grupo apresentam níveis de criatividade médios. Complementa ainda uma alta pontuação no IDH (0,881), PIB percapta médio e pontuação no HPI média. Fazem parte deste grupo países como a Nova Zelândia, Japão, Coreia, Itália e outros. São países que tem um elevado dinamismo na dimensão econômica e na dimensão desenvolvimento humano. O desempenho criativo deste grupo também é influenciado principalmente pela dimensão inovação, capital humano e talento criativo, mas agrega-se também os aspectos culturais.

São países que investem muito em educação e ciência e tecnologia, fatores cruciais para o desenvolvimento do setor criativo e que tem políticas voltada para este setor a fim de promover o desenvolvimento e torna-lo mais sustentável (FLORIDA E TIGALI, 2011; SEN e KLIKSBER, 2011). Quanto ao HPI o grupo apresentou valores médios, o que mais influenciou negativamente neste score foi o sacrificio dos recursos naturais para promover bem estar e longevidade.

A tabela 7 a seguir apresenta os valores para as médias de 17 países que compõem o ultimo cluster formado para análise. Fazem parte deste grupo países como Paquistão, Camboja, Índia, Honduras, Filipinas e outros.

Tabela7: Cluster 6 Estatísticas descritivas

	N	Range	Mínimo	Máximo	Média	Desvio padrão	Variação
Pontuação no GCI	17	0,454	0,2	0,474	0,24324	0,13011	0,17
PIB por pessoa dos Países	17	4494	969	5463	3547,823	1404,7737	1973389,15
Pontuação no IDH	17	0,287	0,446	0,733	0,60612	0,082579	0,07
Pontuação no HPI	17	33	26,8	60,4	47,688	8,78969	77,259
N válido(lista)	17						

Fonte: elaborado pelo autor a partir de dados da pesquisa.

Para o cluster 6 a média de pontuação do GCI foi de (0,243) revelando que os países deste grupo apresentam níveis de criatividade extremamente baixos. Complementa ainda uma pontuação no IDH (0,606), um PIB percapta extremamente baixo e pontuação no HPI média, massa a maior entre os 6 grupos formados. São países que tem um baixo dinamismo

na dimensão econômica e na dimensão desenvolvimento humano. São países que não tem investido na dimensão criativa, com conflitos políticos e convergência de valores e expressões, o que compromete o desenvolvimento deste setor (FLORIDA e TIGALI, 2011; CRUZ, 2011). O investimento em educação e em ciência e tecnologia, estão em níveis “críticos”, o que acaba determinando também o desenvolvimento deste setor (FLORIDA E TIGALI, 2011).

No que tange ao HPI, o desempenho foi o melhor entre os clusters, haja vista, que esta pontuação não revela o país mais feliz, mas que os recursos naturais tem sido convertido em benefícios para a população de maneira menos predatória. Porém uma observação pode ser feita sobre estes países. Não são desenvolvidos em nenhuma das dimensões e nem são criativos, sendo que a sustentabilidade destes depende estreitamente de soluções criativas para aproveitar os recursos internos e assim promover o desenvolvimento.

No intuito de completar a análise foi realizado ainda o teste ANOVA para identificar a existência ou não de diferença entre as médias dos grupos de cluster formados. O teste ANOVA revelou para os seis grupos a existência de diferença estatisticamente significativa, com p-valor de 0,000 para um nível de significância de 1%. Porém na Análise do teste Tukey, percebe-se que não há diferença estatisticamente significativa para a média dos seis grupos na variável HPI. A variável HPI variou de média a boa em todos os grupos, não tendo nenhuma pontuação alta. Isto porque nenhum país individualmente listado no Happy Planet Index está fazendo tudo certo. Nenhum deles teve bom desempenho, reconhecendo a relação não direta entre esta variável e o nível de desenvolvimento econômico. Deve-se reconhecer que embora alguns países sejam mais eficientes em oferecer vida longa e feliz a seus povos, todo país tem seus problemas e nenhum possui desempenho tão bom quanto poderia.

6. Conclusão

Este estudo permite concluir que embora na teoria a relação entre economia criativa e desenvolvimento sustentável possa parecer tão direta, e de certa forma um tanto óbvia, a análise de cluster revelou que sozinha a economia criativa não consegue promover o desenvolvimento que seja sustentado ao longo do tempo. Isto pode ser visto nos países que apresentaram características de *scorecriativo* elevado apresentaram indicadores de HPI não satisfatórios. As análises reforçam também que desenvolvimento e crescimento não são sinônimos e que a dimensão econômica sozinha não é suficiente para dar base para um desenvolvimento, includente, sustentado e sustentável.

Mas, observa-se também que certamente a Educação, constitui uma “peça chave” neste processo, isto porque é capaz de estabelecer um elo entre todas as dimensões do desenvolvimento, e ainda, é estímulo para a criatividade infundindo um desenvolvimento centrado no ser humano. A economia criativa é uma estratégia promissora para promoção do desenvolvimento em territórios, mas para que isso de fato se concretize toda a criatividade, diversidade cultural, simbologias, e a capacidade intelectual devem ser convertidas em fontes alternativas de recursos para promover maior inclusão na dinâmica global. Para que o setor criativo seja motor do crescimento, o enfoque não pode ser somente econômico, e ainda, são necessárias políticas, projeto e programas específicos para o setor que busquem articular este segmento com os demais setores estratégicos dos países.

Este artigo configura-se como um estudo preliminar sobre o binômio economia criativa e desenvolvimento. Há muito que ser explorado ainda e uma análise que inclua mais países e variáveis ligadas à dimensão cultural seriam interessantes neste contexto, haja vista a relação estreita entre cultura, economia criativa e o desenvolvimento de países.

Referencias Bibliográficas

BARBIERI, J. C. **Desenvolvimento e meio ambiente: as estratégias de mudanças da Agenda 21**. 4a ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.

BENDASSOLLI, P. F; WOOD JR, T. KIRSCHBAUM, C; CUNHA, M. P **Indústrias Criativas no Brasil**. Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 62-121.

BEZERRA, M. C. L.; BURSZTYN, M. (coord.). **Ciência e Tecnologia para o desenvolvimento sustentável**. Brasília: Ministério do Meio Ambiente e dos Recursos Naturais Renováveis: Consórcio CDS/ UNB/ Abipti, 2000.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. Porto

CRUZ, A. R. P. M. CRUZ. **Turismo e Criatividade no Algarve: Uma análise da oferta Turística Regional coo Elemento de Atração da Classe Criativa**. Dissertação de mestrado. Algarve, Portugal.2010.

MINISTÉRIO DA CULTURA – Brasil. **Plano da Secretaria da Economia Criativa:políticas, diretrizes e ações2011 – 2014**. (148 p.). Brasília, 2011. Disponível em: <http://www.cultura.gov.br/site/wp-content/uploads/2012/04/livro-portuguesweb.pdf>. Acesso em: 15.Abr.2014.

NORGAARD, R.B. *The Development Betrayed*. Routledge: New York, 1994.

DEHEINZELIN, L. **Economia criativa e desenvolvimento: desafios e oportunidades**. Entusiasmo Cultural. 2008.

EC. **Exploitation and development of the job potential in the cultural sector in the age of digitalization**. Bruxelas ??: DG Employment and Social Affairs, 2001.

ELKINGTON, J. A teoria dos três pilares. São Paulo: MARKRON Books, 2001.

FLORIDA, R. **A Ascensão da classe Criativa**. Porto Alegre: L&PM, 2011.

FLORIDA, R; TINAGLI, I. **Europe in the creative age**. Demos, 2004. Disponível em: <http://www.demos.co.uk/files/EuropeintheCreativeAge2004.pdf>. Acesso em: 10. Abr.2014.

FURTADO, C.. **O Capitalismo Global**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

HAIR, Joseph F. Jr.; BABIN, Barry; MONEY, Arthur H.; SAMOUEL, Phillip. **Fundamentos de Métodos de Pesquisa em Administração**. Porto Alegre: Bookman, 2005.

HARTLEY, J. **Creative Industries**. London: Blackwell, 2005.

HOFFMANN, R. B; SILVA, F. M. V.; DELLAGNELLO, E. H. L. Teatro: a configuração estrutural de grupos teatrais. In: BENDASSOLLI, P. F; WOOD JR, T. KIRSCHBAUM, C; CUNHA, M. P (Orgs.). **Industrias Criativas no Brasil**. (p. 217-241). Rio de Janeiro: FGV, 2009. p. 217-241.

LOUETTE, A. **Compêndio de Indicadores de Sustentabilidade de Nações: uma contribuição ao diálogo da Sustentabilidade**. 2009. Disponível em: http://www.compendiosustentabilidade.com.br/compendiodeindicadores/publicacao/default.asp?paginaID=24&conteudoID=294&it_idioma=1. Acesso em 20 Jun. 2014.

MAROCO, J; GARCIA-MARQUES, T. **Qual a fialidade do alfa de Cronbach? Questões antigas e soluções modernas?**Lisboa: I. S. P. A, 2006. p. 65-90. Disponível em: [http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204\(1\)%20-%2065-90.pdf](http://repositorio.ispa.pt/bitstream/10400.12/133/1/LP%204(1)%20-%2065-90.pdf). Acesso em: 05 Maio. 2014.

MTI, THE MARTIN PROPENSITY INSTITUTE. Toronto university, 2011. Disponível em: <http://martinprosperity.org/category/research/research-reports/>. Acesso em: 09. Jun. 2014.
NEF. **Creative Europe Bonn**: Network of European Foundations for Innovative Cooperation, 2002.

QUINTERO, Víctor Manuel. **Evaluación de políticas culturales con enfoque dedesarrollo local**. In: Sminario: cultura y desarrollo. diseño de indicadores. Mexico, 2011.

PESTANA, MARIA HELENA; GAGEIRO, JOÃO NUNES. **Análise de dados para Ciências Sociais: A complementaridade do SPSS**. 4. ed. Lisboa: Sílabo, 2005.

REIS, A. C. F. **Economia criativa como estratégia de desenvolvimento: uma visão dos países em desenvolvimento**. In Ana Carla Fonseca Reis (Org.). São Paulo: Itaú Cultural, 2008. p. 15 – 49.

SACHS, I. **Estratégias de Transição para do século XXI – Desenvolvimento e Meio Ambiente**. São Paulo: Studio Nobel – Fundação para o desenvolvimento administrativo, 1993.

_____. **Desenvolvimento: includente, sustentável, sustentado**. Rio de Janeiro. Ed. Garamond, 2006.

SEN, A; KLIKSBERG, B. **As pessoas em primeiro lugar: A Ética do Desenvolvimento e os Problemas do Mundo Globalizado**. São Paulo: Companhia das Letras, 2011.

TELLES, B. M. **Integrando a sustentabilidade na formação de administradores**. São Paulo, 2011. 250 f. Dissertação (Dissertação de mestrado). Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

UNCTAD – United Nation Conference on Trade and Development. **Creative Economy Report 2010: A Feasible Development Option**. Disponível em: <http://www.unctad.org/Templates/webflyer.asp?docid=9750&intItemID=4494&lang=1&mode=downloads>. Acesso em: 01.Maio.2014

VEIGA, J. E. **Cidades Imaginárias – o Brasil é menos urbano do que se calcula**. Campinas: Editora da Unicamp, 2005.

_____. **Desenvolvimento sustentável: o desafio do século XXI**. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.